

ROSA DEMBELE CAVINDA

**PREVALÊNCIA DE MEDO EM CRIANÇAS E ADOLESCENTES EM
BENGUELA**

INSTITUTO SUPERIOR DE CIÊNCIAS DA SAÚDE – NORTE

DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

2012

**PREVALÊNCIA DE MEDO EM CRIANÇAS E ADOLESCENTES EM
BENGUELA**

ROSA DEMBELE CAVINDA

Dissertação apresentada no Departamento de Psicologia do Instituto Superior de Ciências da Saúde-Norte para obtenção do grau de mestre em Psicologia Clínica e da Saúde

ORIENTADOR: Dr. JOSÉ CARLOS CALDAS

PORTO, 2012

Resumo

O objectivo deste trabalho é determinar a frequência, a intensidade e os principais tipos de medos das crianças e dos adolescentes angolanos. Para tal, foi administrada a versão portuguesa do inventário revisto de medos para crianças – FSSC-R (Ollendick, 1983, Fonseca, 1993) a 450 crianças de três escolas: uma pública (da periferia da cidade), uma escola mista (onde estudam crianças e adolescentes da periferia e também do meio urbano), e outra particular (onde a maioria dos alunos são de “classe alta” e situa-se no centro da cidade).

Os resultados mostram que não existem diferenças significativas nos medos quanto aos grupos etários de crianças pequenas e de adolescentes, $F(2) = 1,845, p=0,519$.

Constatamos diferenças significativas entre os medos das crianças do centro da cidade e da periferia da cidade, $t(436)=-4,205, p=0,000$, , sendo que as crianças da periferia da cidade (média=106,08) apresentam mais medos do que as crianças do centro da cidade (média=88,81).

E constatou-se também que existem diferenças significativas entre os medos nos rapazes e nas raparigas, $t(433)=-7,171, p=0,000$, sendo que as raparigas (média=106,64) apresentam mais medos do que os rapazes (média=88,43)

Palavras chaves: Medos; crianças; adolescentes.

Abstract

The aim of this study is to determine the frequency, intensity and the main fears of Angolan children and adolescents. For this purpose we used the portuguese version of the Fera Survey Schedule for Children-Revised - FSSC-R (Ollendick, 1983, Fonseca, 1993) on a sample of 450 children from three schools: a public school (city outskirts), a mixed school (which is attended by children and adolescents from the outskirts of the urban environment as well), and other private (where most students are "upper class" and is located in the city center). The results show that there are significant differences in fears about the age groups of children and adolescents, $F(2) = 1.845$, $p = 0.519$.

We found significant differences between children's fears of the city center and the periphery of the city, $t(436) = -4.205$, $p = 0.000$, being the children of the city's outskirts (mean = 106.08) have more fears than children from the city center (mean = 88.81).

And it was also found that there are significant differences between the fears in boys and girls, $t(433) = -7.171$, $p = .000$, and girls (mean = 106.64) have more fears than boys (mean = 88.43)

Keywords: Fears, children, adolescents.

LOMBADA

INSTITUTO SUPERIOR DE CIÊNCIAS DA SAÚDE NORTE	DEPRESSÃO E PERCEÇÃO MATERNAL NO PÓS-PARTO EM MÃES ADOLESCENTES	EURICO MANUEL	2012
--	--	---------------	------

Índice

Resumo	
Abstract	
Introdução	6
Definição de Conceitos Chaves	8
PARTE 1	9
1.1DEFINIÇÃO DE CONCEITOS E REVISÃO DA LITERATURA	9
1.2 Conceito de Medos	9
1.3 Origem dos Medos	10
1.4 O Ás dos Testes	17
1.5 Os pais vendedores de medo e os que geram confiança.....	17
1.5.1 As causas do Medo.....	18
1.5.2 Situações quotidianas evolutivas	18
1.5.3 Introversão e Extroversão	18
1.5.3 Medo da Morte	19
PARTE 2	21
CONTRIBUTO PARA O ESTUDO DOS MEDOS NUMA AMOSTRA DE CRIANÇAS ANGOLANAS DA PROVÍNCIA DE BENGUELA.....	21
2.1 Objectivos.....	21
2.2 Método.....	21
Questões de Investigação	21
Desenho da investigação.....	21
Participantes.....	21
2.3 Instrumentos	23
2.4 Procedimento.....	23
2.5 Análise e tratamento dos dados	24
2.6 Resultados	24
Discussão e Conclusões.....	33

Bibliografía 35

Anexos

Introdução

O medo tem sido definido como uma reacção emocional mais ou menos intensa perante um perigo específico real ou imaginário (Morris & Kratochwill, 1983, cit.in Fonseca, 1993). Os medos variam de maneira bastante predizível com a idade, género, classe sócio económica, nível de desenvolvimento cognitivo e outras variáveis de natureza individual ou social (Fonseca, 1993). Neste trabalho tratamos de investigar a prevalência de medos em crianças e adolescentes – medos normais. A expressão “medos normais” ou “medos desenvolvimentais” tem sido usada para designar um conjunto de medos de objectos, animais, pessoas ou situações, presentes de forma habitual em crianças e adolescentes (Bischof, 1975, Burnham & Gullone, 1997; Gullone, 2000, cit in Sampaio, Martins e Oliveira 2007). Estes medos são considerados normais por serem universais, transculturais, representarem respostas adaptativas a perigos ou ameaças reais que se colocam à sobrevivência humana (Albano et al., 1996, Cox & Taylor, 1999, Elbedour et al., 1997, Marks, 1987, Ollendick, 1983, Ollendick et al., 1991, Ollendick et al., 2001, Valiente et al., 2003, Westenberget al., 2004 cit in Sampaio, Martins & Oliveira 2007). Estes medos não são patológicos porque só são activados na presença de estímulos perigosos e supostamente desaparecem com a ausência ou afastamento deste estímulo (Baptista, 2000, Marks, 1987, Rodríguez, 2001, cit in Sampaio, Martins & Oliveira, 2007). São também considerados desenvolvimentais na medida em que são respostas que devem ser adquiridas ao longo do desenvolvimento humano, particularmente na infância e adolescência, e que preparam o sujeito para os desafios ambientais que terá que enfrentar como adulto (Marks, 1987, Odriozola, 2001 cit in Sampaio, Martins & Oliveira 2007). Muitos medos das crianças a semelhança de outros aspectos do seu desenvolvimento cognitivo e emocional são resultantes de um processo de aprendizagem e desenvolvimento e/ou duma interacção entre predisposição inata e factores do meio (Rachman, 1977, cit in Sampaio, Martins & Oliveira 2007).

É importante tratar deste tema porque nenhum autor trabalhou nele em Angola e porque as crianças angolanas têm muitos medos.

Interesse pratico: Por a disposição de psicólogos angolanos instrumentos para avaliar os medos em crianças. O outro interesse é que este trabalho dá-nos pistas para intervir com relação aos medos.

Este trabalho tem como objectivo geral: Estudar que tipos de medos apresentam as crianças angolanas. E como objectivos específicos verificar se os medos têm maior percentagem em crianças pequenas ou nos adolescentes; comparar os diferentes medos entre crianças do centro da cidade com as da periferia; identificar os diferentes medos existentes nos rapazes e nas raparigas.

Definição de Conceitos Chaves

Segundo a Wikipédia 2011 – uma **criança** é um **ser humano** no início de seu desenvolvimento. São chamadas *recém-nascidas* do nascimento até um mês de idade; *bebê*, entre o segundo e o décimo-oitavo mês, e *criança* quando têm entre dezoito meses até doze anos de idade. A **infância** é o período que vai desde o nascimento até aproximadamente o décimo-segundo ano de vida de uma pessoa. É um período de grande desenvolvimento físico, marcado pelo gradual crescimento da altura e do peso da criança - especialmente nos primeiros três anos de vida e durante a **puberdade**. Mais do que isto, é um período onde o ser humano desenvolve-se psicologicamente, envolvendo graduais mudanças no **comportamento** da pessoa e na aquisição das bases de sua **personalidade** (Wikipédia, 2011).

Adolescência é a fase do **desenvolvimento humano** que marca a transição entre a **infância** e a **idade adulta**. Com isso essa fase caracteriza-se por alterações em diversos níveis - físico, mental e **social** - e representa para o indivíduo um processo de distanciamento de formas de comportamento e privilégios típicos da infância e de aquisição de características e **competências** que o capacitem a assumir os deveres e **papéis sociais** do adulto (Wikipédia, 2011).

PARTE 1

1.1 DEFINIÇÃO DE CONCEITOS E REVISÃO DA LITERATURA

O estudo das emoções é um processo e um construto muito importante e complexo da psicologia para compreendermos as dinâmicas do comportamento humano em sua plenitude. Esta complexidade deriva especialmente do fato de que as emoções e suas formas de expressão mudam no decorrer da vida do indivíduo, o que é a causa de uma série de mudanças como, por exemplo, mudanças (1) na situação capaz de gerar a emoção; (2) no comportamento instrumental motivado pelas emoções; (3) nos tipos de expressões indicando a emoção; (4) nos mesmos estados emocionais que se tornam mais sofisticados no decorrer do desenvolvimento; e (5) nas mudanças das convenções sociais, socialização das expressões emocionais (Buck, 1984; Campos, 1983; Ekman, 1972, 1982; Ekman & Oster, 1979; Feldman, 1982; Gnepp & Hess, 1986; Izard, 1979; Plutchick, 1980; Sherer & Ekman, 1984; Sroufe, 1979 cit. in Roazzi, Federicci, Fabiana, & Wilson, 2001).

1.2 Conceito de Medos

Considera-se medo quando existe um estímulo desencadeador externo óbvio que provoca comportamento de fuga ou evitação. O medo é considerado como uma emoção básica, fundamental, discreta, presente em todas as idades, culturas, raças ou espécies (Barlow, 2002; Ekman & Davidson, 1994; Lewis & Haviland Jones, 2000; Plutchik, 2003, cit. in Baptista., Carvalho & Lory).

O medo pode, assim, ser definido por uma constelação de medidas em cada um dos três sistemas de resposta: o que se faz - o comportamento, o que se pensa ou diz – pensamento e linguagem, e o que se sente perante uma ameaça real ou imaginada - a fisiologia.

O medo é considerado uma emoção. As emoções se caracterizam por sensações de tensão no organismo intensa e transitória, que pode vir a provocar reações orgânicas de descarga emocional, como: suor, tremor, riso, choro, expressões faciais, contrações musculares, entre outras (BOCK, 2002, cit. in Sposito 2009).

O medo, assim como a alegria, a surpresa, a raiva e a tristeza, é considerado uma emoção universal, por ser experienciado de uma forma muito similar em termos orgânicos nos mais diversos contextos culturais e etnográficos (Davidoff, 2001, cit. in Sposito 2009).

1.3 Origem dos Medos

A perspectiva evolutiva tem como objectivo a compreensão das causas últimas para o desencadeamento dos diversos tipos de medo, assim como os seus padrões automáticos de resposta. Por exemplo, as situações actualmente mais temidas como os animais, cobras e aranhas, ou os locais e os ambientes mais temidos, como os espaços fechados ou muito amplos, sem abrigo, e as tempestades naturais, foram ameaças ancestrais, mas, hoje, são praticamente inofensivas devido às mudanças que a cultura introduziu no ambiente. No entanto, para os grupos nómadas de caçadores - recolectores em que a espécie humana evoluiu e passou quase toda a sua existência, estas eram as ameaças reais. Hoje, não representam qualquer perigo, mas continuam a ser temidas. A vida humana dependeu do desenvolvimento de estratégias adequadas para lidar com essas ameaças que, ao longo de milhões de anos de evolução, constituíram ameaças graves ou letais. Ao contrário, as ameaças reais actuais, sem nenhum significado evolutivo, dificilmente provocam medos (Seligman & Hager, 1972). São raras as fobias relacionadas com electricidade, é inexistente o medo de ingerir alimentos calóricos ou de conduzir a alta velocidade e temos mais medo de dinossáurios que de armas de fogo. Um outro aspecto, relevante do ponto de vista evolutivo, são os padrões automáticos de resposta. Perante um estímulo ameaçador, várias respostas são possíveis, como a evitação ou fuga, a imobilidade, a defesa agressiva ou a submissão. Mas a resposta não é aleatória, nem pensada, apesar de ter uma adequação perfeita ao tipo de ameaça (Baptista, 2000).

Os medos aparecem e desaparecem, de modo previsível, em determinadas alturas do desenvolvimento, de acordo com as tarefas típicas dessas etapas, o que implica, para além de uma perspectiva evolutiva, uma perspectiva desenvolvimentista. Por exemplo, o medo das alturas tem início na altura do aparecimento da locomoção, por volta dos seis meses, e sua intensidade correlaciona-se positivamente com a maestria nesta capacidade de explorar o ambiente. Apesar das limitações que este medo impõe, em associação com a ansiedade de separação, é um factor protector das ameaças apresentadas pelos declives ou pelo afastamento dos progenitores na fase inicial da vida.

O estudo longitudinal de Dunedin, que seguiu crianças dos 3 aos 18 anos, mostrou que níveis elevados de medo na infância foram predictores de menos quedas e ferimentos durante a infância e a adolescência e que, ao contrário, a ausência de medo foi um factor de risco para acidentes pessoais (Menzies & Parker, 2001, Poulton & Menzies, 2002). Os medos reflectem a maturação do organismo, de acordo com as etapas do desenvolvimento. Os medos sociais aparecem no início da adolescência, altura de maior individualização, de afastamento dos progenitores, de inserção nos grupos de pares e de atracção pelo sexo oposto. A preocupação com a aparência, o cuidado com a impressão causada e a opinião dos outros é, nesta altura, muito importante.

Os jovens apresentam inúmeros medos e em graus variados. Alguns são normais enquanto outros são exagerados. Os pais e os educadores têm o dever de trabalhar estes medos, para que cresçam firmes e seguros, pois o medo gera stress e agressividade. (Queirós, Tânia, 2010).

Os bebés costumam a ter medo de estranhos quando começam a distinguir entre as pessoas que conhecem ou não, além do medo da separação, ou seja, da ausência mesmo que momentaneamente da mãe ou do pai. Com o tempo esses medos desaparecem. (Queirós, Tânia, 2010).

A partir dos dois anos, as crianças começam a ter medo de monstros, do escuro e de ameaças imaginárias, pois têm dificuldade de distinguir entre fantasia e realidade. Dos 4 aos 6 anos costumam a ter medo de ir a escola, de altura, de se perder, de animais, de raios e trovões, etc. depois dos 12 anos passam a ter medo de exames, provas, de serem rejeitadas, constrangidas, etc. (Queirós, Tânia; 2010).

O medo é normal e saudável, uma vez que nos torna cautelosos e nos protege das situações de perigo. (Queirós, Tânia, 2010).

No processo de desenvolvimento das crianças ensinamos a tomar cuidado com os estranhos, a não entrarem em carros de desconhecidos, a não aceitarem bebidas, remédios etc. (Queirós, Tânia, 2010).

Dessa forma, ensinamos crianças e adolescentes a temerem os resultados das suas acções; neste particular trata-se de perigos reais, o que é muito diferente dos medos

imaginários. (Queirós, Tânia; 2010).

Alguns medos nascem da própria cultura da religião (medos de demónios), do nosso folclore (medos provocados pelas canções de ninar: nana nené que a cuca vai pegar), dos mitos e lendas ou de algumas festividades (por exemplo o *halloween*). (Queirós, Tânia; 2010).

As crianças adquirem medos também em função de comportamentos temerosos de adultos, como medo de dentistas, policiaes, baratas, cães, cobras, etc. (Queirós, Tânia; 2010).

Os medos são característicos nas crianças e nascem como uma forma de recortar as diferentes angústias que surgem no processo de constituição da subjectividade. Os medos nesse sentido indicam que a criança está se estruturando psiquicamente. Por isso é "natural" que elas tenham medos diversos. Aliás, devemos ficar alerta e preocupar-nos quando uma criança não tem medo de nada, quando ela é destemida. (Adela, ano???)

O medo é como uma espécie de limite "auto-imposto" e é por isso que ele é importante na estruturação do psiquismo, porque os diferentes medos vão construindo diferentes bordas, diferentes **limites para a criança**. Quanto menor é a criança mais ela precisa que seus pais lhe marquem os limites, quando os medos aparecem indicam que ela está conseguindo delimitar sozinha algumas bordas, ela está adquirindo a noção de perigo, ela está perdendo onipotência, se sentindo mais frágil, mais humana. (Adela, ano???)

Estudos recentes demonstram que a parte de nosso cérebro que desenvolve um medo saudável de perigo não está totalmente desenvolvido até aos 25 anos de idade. (Queirós, Tânia; 2010).

Com o passar do tempo as crianças descobrem que os seus medos diminuem e que podem lidar com eles; elas compreendem que a mãe sempre volta do trabalho, que as coisas desagradáveis não vão acontecer só porque está escuro, aprendem a lidar com as mudanças e assim sucessivamente. (Queirós, Tânia; 2010).

O importante é que durante o processo do seu desenvolvimento, os pais e educadores, unidos no mesmo propósito, estejam do seu lado, apoiando-as. (Queirós, Tânia; 2010).

As investigações internacionais sobre os medos normais desenvolvimentais, com pequenas exceções bem identificadas, têm produzido resultados espantosamente semelhantes: i) um conjunto de "dez medos mais comuns" observados em crianças e adolescentes está presente em todas as culturas e países estudados (tese da universalidade dos medos de Burnham & Gullone, 1997, Muris et al., 1997; Muris & Ollendick, 2002; Muris et al., 2003; Ollendick et al., 2001; Schaefer et al., 2003); ii) as

raparigas apresentam medos semelhantes aos dos rapazes, mas em maior prevalência e intensidade (explicação etológica - as mulheres são mais frágeis e ao mesmo tempo mais valiosas para a perpetuação da espécie, Burnham & Gullone, 1997; Elbedour et al., 1997; Gullone, 2000; King et al., 2000; Ollendick, 1983; Rapee & Barlow, 2001; Rodríguez, 2001; Silva & Costa, 2005; Valiente et al., 2003); iii) crianças e adolescentes apresentam medos ligeiramente diferenciados, com os adolescentes a valorizarem mais a componente social do perigo, dando maior ênfase ao medo do fracasso e da crítica (tese social); iv) os medos diminuem com a idade, paralelamente ao aumento da autonomia do sujeito em desenvolvimento, com exceção dos medos de perigo e morte. Pelo menos 50% das crianças e adolescentes inquiridos refere este conjunto dos “dez medos mais comuns”, os quais podem ser descritos globalmente como referindo-se ao “perigo e morte” (Albano et al., 1997; Burnham & Gullone, 1997; Elbedour et al., 1997; Ollendick, 1983; Rodríguez, 2001; Valiente et al., 2003; cit in Sampaio, Martins & Oliveira 2007).

Os medos das crianças podem afectar a qualidade de vida. Algumas vezes o medo é tão intenso que consome toda a sua energia, originando a fobia (Queirós, Tânia; 2010).

A literatura infantil é rica em animais assustadores como lobos, serpentes e aranhas, entre outros. Animais temíveis também pululam nos desenhos animados e no cinema. Figuras assustadoras são muitas vezes criaturas com características de animais, como o lobisomem, vampiros e uma infinidade de monstros, sejam invenções dos autores, sejam monstros reconstituídos de um passado distante, como os perigosos dinossauros. O medo de animais faz parte da nossa cultura, especialmente no mundo da criança. Do ponto de vista psicológico, o medo é uma das reacções emocionais mais facilmente observáveis no relacionamento entre a criança e os animais (Garcia, sem data)

O medo de animais, não deve ser encarado como algo anormal. A tendência contemporânea é ver no medo uma forma útil e necessária de adaptação ao meio em que vivemos. Gullone (2000) definiu o medo como uma reacção normal a uma ameaça real ou imaginária, um aspecto integral e adaptativo do desenvolvimento, com a função primária de promover a sobrevivência. A ausência total de medo poderia por em risco a integridade física e mesmo a vida de uma criança. Os animais oferecem perigo em potencial e temer animais é uma reacção adaptativa. A mesma autora, revisando um século de estudos sobre o desenvolvimento do medo normal, observou que as pesquisas indicam que o medo tende a diminuir à medida que a criança cresce, tanto sua ocorrência quanto sua intensidade. O medo infantil também muda de conteúdo: os

medos infantis relacionados a estímulos imediatos e concretos gradualmente dão lugar a medos relacionados a estímulos e eventos antecipatórios, abstractos e mais globais, presentes na infância tardia e adolescência.(Garcia, sem data)

O medo é um fenómeno muito comum na vida da criança. Em uma pesquisa recente sobre sintomas de ansiedade (Muris et al., 2000a), envolvendo 190 crianças de 4 a 12 anos, 75,8% dos sujeitos relataram alguma forma de medo, 67,4% das crianças manifestaram algum tipo de preocupação e 80,5% declararam ter sonhos atemorizantes. Medos e sonhos atemorizantes, comuns entre 4 e 6 anos, aumentaram entre 7 e 9 anos, voltando a diminuir entre 10 e 12 anos. As preocupações, contudo, foram mais comuns nas crianças mais velhas (7 a 12 anos) do que nas mais jovens. Um dado interessante nessa pesquisa foi a verificação de que a prevalência de medos e sonhos atemorizantes envolvendo criaturas imaginárias decresceu com a idade. Em crianças que entrevistei também observei que a confusão entre animais fantásticos e naturais é mais comum em crianças menores. Os autores descobriram que medos e sonhos atemorizantes geralmente haviam sido suscitados por informações, enquanto as preocupações infantis geralmente tinham origem em experiências vividas pelo sujeito.

O medo é algo normal na vida da criança, de modo que, na maioria dos casos, não está relacionado com problemas psicológicos mais sérios. Muris et al. (2000b), a partir do exame de 290 sujeitos entre 8 e 13 anos, concluíram que, na maioria desses sujeitos, os medos eram parte do desenvolvimento normal. Em apenas 22,8% das crianças o medo indicava a presença de problemas de ansiedade. Não somente o medo é um fenómeno comum na vida da criança. Infelizmente, as fobias infantis também são comuns. Muris e Merckelbach (2000) relataram que 17,6% das 160 crianças que haviam investigado (entre 4 e 12 anos) apresentavam algum tipo de fobia específica. (Garcia, sem data)

O caso específico de medos nocturnos também é muito comum em crianças. Muris et al. (2001) encontraram manifestações do medo nocturno em 73,3% dos 176 sujeitos entre 4 e 12 anos que investigaram. Estes medos, comuns entre os 4 e 6 anos, tornaram-se ainda mais frequentes dos 7 aos 9 anos e permaneceram relativamente estáveis entre 10 e 12 anos. Quanto à origem dos medos nocturnos, a maioria dos sujeitos atribuíram seu medo a informações negativas, sendo menos frequente a origem em experiências que pudessem ter levado a alguma forma de condicionamento. (Garcia, sem data)

O que estas pesquisas indicam de significativo é que o medo é algo comum e normal na vida da criança, que suas características vão mudando ao longo do tempo e que pode ser

provocado tanto por experiências pessoais quanto por informações que são transmitidas à criança, ou seja, o medo infantil pode ser suscitado por aquilo que as crianças ouvem dos pais e das pessoas com as quais convivem. (Garcia, sem data)

Os medos estão ligados a etapas específicas do desenvolvimento. Apesar de serem tarefas desenvolvimentais que terão de ultrapassar, o modo e a intensidade com que os sentem varia de criança para criança, de acordo com a sua personalidade, a dos pais, entre outros factores. Com o crescimento e correspondente maturação cognitiva e emocional, a criança, com a colaboração dos pais, vai encontrando estratégias eficazes para lidar com os medos, pelo que, na sua maioria, acabam por desaparecer. (Martins, 2008).

Nos primeiros tempos de vida duma criança, o seu medo está muito ligado ao receio de perda do seu cuidador, a sua figura de referência (geralmente a mãe), denominando-se de medo ou ansiedade de separação. Por volta dos 7/8 meses de vida, os bebés adquirem a capacidade de distinguir os rostos familiares, em especial o da sua mãe, em contraste com os que desconhece. Surge aqui uma fase denominada de Angústia do Estranho, caracterizada pela manifestação, por parte da criança, de medo ou ansiedade perante a presença de estranhos, ou pessoas com quem tenha menos contacto. Nesta fase, as crianças ainda não adquiriram uma competência, a da “permanência do objecto”, que consiste no saber que, quando algo (ou alguém) sai do seu campo de visão, pode voltar. Para o bebé, quando tal acontece, ele sente medo por esse objecto deixar de existir. (Martins, 2008).

Com o atingir dos seis anos de idade, a criança atinge uma fase de desenvolvimento que lhe permite encarar a morte como algo irreversível, perdendo o seu lado fantasioso e assumindo uma vertente mais concreta, o que lhe provoca medo da sua própria morte, bem como a das suas figuras de referência. Verifica-se aqui uma transição do medo de separação para o medo de morte. Aí, apresenta uma associação de morte a coisas concretas, como a uma pessoa, a caixões, cemitérios, etc. (Martins, 2008).

Paralelamente à entrada para a escola, e ao longo do seu curso, surgem medos ligados a esta nova etapa da sua vida, bem como aos desafios a ela associados. O medo de se expor, ter de falar nas aulas, ir ao quadro, as histórias contadas de agressão dos mais velhos, entre outros, causa apreensão às crianças. Aqui os medos estão muito ligados à

identidade da criança, à sua auto-estima e sentimentos de insegurança. Poderá surgir o receio de ser diferente, ser gozado pelos outros. (Martins, 2008).

Esta insegurança e medo assumem um papel marcante num espaço como a escola, pois estes sentimentos poderão transmitir à criança a sensação de impotência perante a resolução de dificuldades que até pode percepcionar como não perigosas, mas que apenas não se sente capaz de as ultrapassar. Nestes casos, é essencial que os pais e/ou educadores saibam escutar a criança, desmistificar esses sentimentos e, sobretudo, ouvi-las e ajudá-las no sentido de encontrar estratégias eficazes para a resolução dos seus medos. (Martins, 2008).

Na medida em que a percepção e sensação das emoções são vivenciadas pelo indivíduo elas se apresentam muito mais como uma experiência subjectiva, a qual até pode ser identificada por um espectador, pelas manifestações comportamentais e das mudanças corporais decorrentes das reacções orgânicas, todavia estas podem gerar muitas incertezas para se saber qual é a emoção e a sua dimensão (Sposito, 2009).

Se o medo é uma emoção natural que tem a função de enfrentamento diante de um perigo real, o medo derivado é a defesa permanente que se instala no carácter do indivíduo se defendendo de um perigo que se cristalizou na dinâmica interna do seu psiquismo. (Sposito, 2009).

Lipp (2004) diz que alguns medos foram geneticamente transmitidos a toda a humanidade, a partir das experiências de nossos antepassados. Na infância o medo é comum e frequentemente transitório: sua aparição e sua resolução podem ser vistas como normais no processo de desenvolvimento (Lipp 2004).

Pesquisas sobre medos normais em crianças afirmam que 90% delas evidenciam pelo menos um entre as idades de dois à catorze anos. Além disso o conteúdo do medo muda ao longo do tempo: inicialmente a criança apresenta medos relacionados a sua imaginação a respeito de forças incontroláveis (como, monstros e o escuro da noite). A medida que a criança cresce, seus medos tornam-se mais realistas passa a ter medo de assaltos e sequestros, da não aceitação por parte de seus colegas da escola, da repreensão dos pais e/ou do professor, do desempenho nas provas. Esses medos podem ser a forma que a criança encontra para lidar com mudanças que ocorrem na sua vida (Lipp 2004).

Muino (2007) afirma que qualquer pessoa, animal ou objecto pode nos causar temor se o associarmos a alguma coisa que previamente nos dê medo. Por seu turno Brandão e

Freire (2005) dizem que a gente só tem medo mesmo do que não entende.

Muitos dos traumas relacionados a educação têm a ver com o desempenho no quadro negro e nos testes (Brown & Davies 1995).

Algumas crianças entram em pânico quando são chamadas para o quadro porque a maioria das pessoas não gosta de ser o centro das atenções (Brown & Davies 1995).

Segundo Brown & Davies (1995) para a criança, ficar em pé sozinha em frente a classe é uma oportunidade que todos os seus colegas esquadrihem minuciosamente sua aparência, e o que mais importante, faz com que ela se sinta detestavelmente vulnerável.

1.4 O Ás dos Testes

Para as crianças com problemas de fazer testes Brown e Davies (1995) oferecem uma abordagem ligeiramente diferente – levar a criança a se encontrar nas questões excluindo ao mesmo tempo quase tudo que esteja a sua volta. Para eles se a criança conseguir atingir uma alta concentração, poderá esquecer todos os medos e apreensões que a acompanharam até a sala de aulas.

Para Brown e Davies (1995) os medos que as crianças têm do desconhecido geralmente dependem da idade. A criança supera uma série de medos, que de repente, parecem bem bobos.

Segundo Brown e Davies (1995) entre os 18 meses e dois anos de idade, as crianças passa a perceber que as coisas lá fora, no mundo, pode machucá-las, começam a ter medo de coisas abstractas porque ainda não têm experiência para saber quais as especificantes perigosas. Ao chegar aos 3 anos as crianças subitamente ficam ariscas diante de armários escuros, sombras e outras entidades semelhantes (Brown & Davies 1995). Afirma ainda que por volta dos cinco anos as crianças têm medos de coisas que podem violar o seu espaço – têm visões de incêndios na casa, de assaltantes e outros terrores invadindo seu paraíso seguro (Brown & Davies 1995). Na passagem para os sete anos, seus medos centralizam-se em forças externas que podem fazer-lhes mal: assassinos e sequestradores e coisas que podem causar dor ou mesmo morte (Brown & Davies 1995).

1.5 Os pais vendedores de medo e os que geram confiança

Muino (2007) afirma em seu livro que quando nos tornamos vendedores de medos, só aumentamos os temores dos nossos filhos. Nessas ocasiões, inconscientemente, alimentamos suas primeiras angústias e transformamos em verdadeiras fobias. O autor

diz ainda que “Vender” o medo é uma velha tática para fazer com que as pessoas dependam de nós. Ser vendedor de medos é levar desconfiança ao mundo de nossos filhos com a finalidade de, em seguida, nos tornarmos seus salvadores. Criamos tabus e entidades que lhes dão medo e das quais não podem falar. Se nosso filho adquirir esses temores, precisará sempre de alguém que lhe ofereça protecção (Muino, 2007).

1.5.1 As causas do Medo

A Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre, em 2007, na sua obra *Psicanálise e Cultura: uma homenagem aos 150 anos de Sigmund Freud* afirma que muitos medos são aprendidos, mas aqueles gerados por um distúrbio de ansiedade não são iguais aos medos normais e dizem também que as reacções desses distúrbios são resultado de uma combinação de interacções biológicas, bioquímicas e psicológicas e são diferentes dos comportamentos comuns adquiridos.

Weekes (cit in Sociedade Psicanalítica, 2007) diz que a paz é outro lado do medo – e somente depois de passar através de seus medos é que você encontrará alívio.

1.5.2 Situações quotidianas evolutivas

Muino (2007) afirma que nos bebés os medos são diferentes. Eles temem que lhes aconteça alguma coisa que nem sabem o que é. Aos poucos, as crianças, já mais crescidas, identificam seus temores centrando-os em determinado objecto. O medo dos bichos é um exemplo. Por fim, suas apreensões terão mais relação com circunstâncias concretas, como a de ficar sozinhas (Muino, 2007).

1.5.3 Introversão e Extroversão

Para Gaiarsa (1998, 2003) há uma característica da personalidade de nossos filhos que se pode confundir facilmente com o medo: a *Introversão*.

Gaiarsa (1998, 2003) diz também que se não vivessemos em cima das crianças enchendo-as com nossos temores, elas talvez se saíssem na vida muito melhor e muito mais facilmente do que com o “auxílio” e a “educação”

Entre as crianças, o medo se caracteriza de diversas formas, mas geralmente é decorrente da falta de informação (Oliveira, 2004).

Singh, Moraese Ambrosano, (2000) debruçaram-se sobre o medo e afirmaram que as experiências com medos apropriados à idade ajudam a criança a desenvolver habilidades de enfrentamento. Os autores acrescentam ainda que muitos medos infantis

inicialmente normais podem persistir por longos períodos e produzir diversos problemas para a criança e para sua família. Eles dizem ainda o mesmo pode acontecer em relação ao medo do tratamento odontológico. Para eles esse medo pode ter diversas origens sendo que as mais frequentes são as experiências vividas pela própria criança no tratamento odontológico. Outras podem ser transmitidas à criança por pessoas diretamente no meio familiar ou mais indiretamente através dos meios de comunicação. Algumas evidências indicam que o medo do tratamento odontológico começa na infância mas pouco se conhece como esses medos (e os comportamentos de esquiva subsequentes) se desenvolvem. (Sing, Moraes & AMBROSANO, 2000).

1.5.3 Medo da Morte

Sobre o medo da morte Kovács (2002) diz que o medo é a resposta mais comum diante da morte. Acrescenta dizendo que o medo de morrer é universal e atinge todos os seres humanos, independentemente da idade, sexo, nível socioeconômico e credo religioso. Para Kovács (2002) o medo apresenta-se com diversas facetas e é composto por várias dimensões. Por seu lado Novais (2007) fala também do medo da morte e diz que: o medo da morte por mais vazio que seja... a vida é, com todas as suas forças, resistência à morte, desejo de matar a morte, desejo de viver sempre.

Segundo Feifel e Nagy (1981, cit. in Kovács, 2002) nenhum ser humano está livre do medo da morte e todos os medos que temos estão, de alguma forma, relacionados a ele. Kovács diz ainda que cada pessoa teme mais um certo aspecto da morte. E a autora cita em função disso Kasteubaumque, segundo ela, afirma que deve-se considerar a morte sob duas dimensões:

- 1- A morte do outro: o medo do abandono, envolvendo a consciência da ausência e da separação.
- 2- A própria morte: a consciência da própria finitude, a fantasia de como será o fim e quando ocorrerá.

Kovács (2002) fala também no seu livro “morte e desenvolvimento humano” que ao pensar sobre a sua morte, cada pessoa pode relacioná-la a aspectos como:

- a) Medo de morrer
- b) Medo do que vem após a morte
- c) Medo da instigação.

Para Kovács o que parece mais temido na morte depende da época de vida de cada um e das circunstâncias do momento. A autora exemplifica que o perigo iminente devido a

situações externas de guerras, crimes, violência, perturbações internas que ameaçam o sujeito, como medos e fobias, ou mesmo morte de alguém.

Murphy (1959, cit.in Kovács, 2002) diz que o medo da morte pode conter também o medo da solidão, da separação de quem se ama, o medo do desconhecido, o medo do julgamento pelos actos terrenos, o medo da interrupção dos planos e fracasso em realizar os objectivos mais importantes da pessoa.

Os factores que influenciam no sentido de conter a morte segundo Feifel (1959 cit.in Kovács, 2002) são: a maturidade psicológica do indivíduo, a sua capacidade de enfrentamento, a orientação e envolvimento religiosos que possa ter e a sua própria idade.

PARTE 2

**CONTRIBUTO PARA O ESTUDO DOS MEDOS NUMA AMOSTRA DE
CRIANÇAS ANGOLANAS DA PROVÍNCIA DE BENGUELA**

2.1 Objectivos

Este trabalho tem como objectivo geral estudar a prevalência e o tipo de medos mais frequentes apresentados por uma amostra de crianças Angolanas da Província de Benguela (N = 450) com idades compreendidas entre os 7 e os 17 anos, comparando-as com as crianças portuguesas.

Como objectivos específicos pretende-se verificar se existem diferenças quanto à prevalência de medos em termos de idade, género e meio de residência (urbano versus periférico).

2.2 Método

Questões de Investigação

As questões que procuramos ver respondidas são as seguintes:

1. Qual a intensidade média de medos (resultado da escala global) em crianças e adolescentes Angolanos.
2. Quais os medos mais prevalentes em crianças e adolescentes Angolanos em geral, por faixas etárias, por género e por meio de residência.
3. Existirão diferenças de idade, género e meio de habitação relativamente à intensidade dos medos.
4. Existirão diferenças entre crianças e adolescentes Angolanos e Portugueses quanto à prevalência e intensidade de medos.

Desenho da investigação

Trata-se de um estudo observacional, descritivo, transversal e de comparação entre grupos.

Participantes

Os participantes deste estudo foram constituídos por um total de 450 crianças e adolescentes de uma escola pública (da periferia da cidade), uma escola mista (onde estudam crianças e adolescentes da periferia e também do meio urbano), e outra

particular (onde a maioria dos alunos são de “classe alta” e situa-se no centro da cidade).

Apresenta-se de seguida uma caracterização da distribuição da amostra por idades, género e zona de residência.

Tabela 1. Média e desvio padrão de idades

N	Min-Máx	Média	D. P.
447	7-17	12,64	2,883

Conforme se pode ver na Tabela 1 a idade das crianças situa-se entre os 7-17 anos, com uma média de 12,64 e um DP de 2,883

Tabela 2. Distribuição da amostra por faixas etárias

Faixas etárias	N	%
7-10	124	27,6
11-13	136	30,2
14-17	187	41,6
<i>missing</i>	3	0,7
Total	450	100

Conforme mostra a tabela 2, a maior percentagem situa-se na faixa etária entre os 14-17 anos (41,6%), seguida dos 11-13 anos (30,2%) e dos 7-10 anos (27,6%).

Tabela 3. Distribuição da amostra por área de residência

Residência	N	%
Cidade	136	30,2
Periferia	302	67,1
Missing	12	2,7
Total	450	100

A Tabela 3 mostra que 30,2% da amostra habita no centro da cidade de Benguela e 67,1% na periferia.

Tabela 4. Distribuição da amostra por género

Género	N	%
Masculino	233	51,8
Feminino	216	48
Missing	1	0,2
Total	500	100

A tabela 4 mostra que a amostra é constituída por 51,8% de rapazes e 48% de raparigas.

2.3 Instrumentos

Para medir os medos foi usada a versão portuguesa (Fonseca, 1993) do Inventário de Medos Revisto adaptada da versão original da Fear Survey Schedule Revised - FSSC-R (Ollendick, 1983), com alterações introduzidas nos itens com vista a se adaptarem melhor à cultura Angolana, a saber: no item 6 foi acrescentado **cazumbi**; no item 37 foi acrescentado **chuvas com ventos e trovoadas**; no item 40 foi substituída a palavra **teste por prova**; o item 66 foi alterado para **fazer mal as coisas**.

Na versão portuguesa este Inventário mostra boa consistência interna (alfa de Cronbach = 0,94), correlações modestas mas significativas com a Escala de Ansiedade Manifesta para crianças ($r(40) = 0,44$) e a escala de Neuroticismo do Questionário de Personalidade de Eysenck Junior ($r(101) = 0,26$), bem como correlações baixas e não significativas com as restantes escalas do Questionário de Personalidade de Eysenck Junior – Validades convergente e discriminante.

Na versão portuguesa a estrutura factorial do Inventário aponta para uma estrutura monofatorial que aponta para os resultados totais como representando os medos globais.

2.4 Procedimento

Numa primeira fase, foram realizados contactos as escolas seleccionadas (escola “Hermann Gmeiner” S.O.S Benguela, escola 237 Benguela, e colégio Elizângela Filomena Benguela), nomeadamente com os directores destas instituições para que apresentaram o investigador aos alunos, solicitando a colaboração dos mesmos. Os alunos foram informados de que iriam preencher os questionários, pedindo-lhes que fossem sinceros e que não deixassem nenhuma questão em branco. No questionário

estavam impressas explicações bem precisas do estudo que estava a ser desenvolvido, dos seus objectivos e da garantia de total confidencialidade de todas as respostas dadas pelos sujeitos.

2.5 Análise e tratamento dos dados

Para a análise e tratamento estatístico dos dados recorreu-se ao programa estatístico SPSS versão 19, utilizando-se estatística descritiva para a descrição da amostra e das frequências de medos e estatística inferencial (testes t e Anova) para comparação entre grupos.

2.6 Resultados

Passaremos de seguida a apresentar os resultados obtidos, tendo em conta as questões de investigação colocadas.

1ª Questão: Qual a intensidade média de medos (resultado da escala global) em crianças e adolescentes Angolanos

Tabela 5. Média e desvio padrão para a amostra total (resultado global)

N	Média	DP
449	97,5361	1,78446

A média dos resultados obtidos pelo total da amostra (Tabela 5) situa-se em 97,536, com um DP de 1,784.

Tabela 6. Médias e desvios padrão para a amostra total, por género (resultado global)

Género	N	Média	Desvio padrão
MASCULINO	233	88,4338	30,21131
FEMININO	216	106,6384	23,36390

Conforme se pode verificar pela Tabela 6, as raparigas apresentam uma média geral de intensidade de medos (média = 106,6384, DP = 23,3639), superior à dos rapazes (média = 88,4338, DP = 30,21131).

Tabela 7. Médias e desvios padrão para a amostra total, por residência (resultado global)

Residência	N	Média	Desvio padrão
Cidade	136	88,8141	29,05254
Periferia	302	101,0848	27,89855

A Tabela 7 mostra-nos que a média de medos das crianças que habitam na periferia (média = 101,0848, DP = 27,89855) é superior à das crianças que habitam na cidade (média = 88,8141, DP = 29,05254).

Tabela 8. Médias e desvios padrão para a amostra total, por faixas etárias (resultado global)

Faixas etárias	N	Média	Desvio padrão
7-10	124	96,0465	27,31054
11-13	136	100,7843	28,66527
14-17	187	94,7289	29,42813

2ª Questão: Quais os medos mais prevalentes em crianças e adolescentes Angolanos em geral, por faixas etárias, por género e por meio de residência.

Na Tabela que se segue (Tabela 9) apresenta-se a percentagem de crianças da amostra total que apresentaram resposta a cada item de intensidade máxima (“Muito Medo” = 3 pontos), por ordem decrescente e separando-se os medos com prevalências superiores a 40% dos com prevalências inferiores.

Tabela 9. Prevalência de medos para cada item (amostra total)

Medos (itens)	% respostas muito (3)
O meu pai morrer	90,4
A minha mãe morrer	90,2
Ser atropelado por um carro ou caminhão	82,4
Eu morrer	78,9
Ficar separado dos meus pais	75,8
Não conseguir respirar	72,7
Cobras, serpentes	71,6
Cair de lugares altos	71,6
Ser raptado	71,6
Fogo, queimar-me	70,2
Fantasma ou coisas fantásticas (cazumbi)	67,8
Micróbios ou apanhar uma doença grave	67,8
Tremores de terra	67,6
Apanhar um choque eléctrico	67,1
Explosões	66,2
Espingardas, pistolas	65,3
Pessoas mortas	64,2
Ver os meus pais a discutir um com o outro	61,8
Cães com um ar perigoso	60,9
Um ladrão assaltar a nossa casa	59,6
Perder-me num lugar desconhecido	58,2
Terroristas	55,8
Pesadelos	54,9
Ser adoptado	52,9
Ursos ou lobos	52,4
Tirar má nota numa prova ou exame	51,8
Ser castigado pelo meu pai	51,6
Andar metido em lutas	50,9
Cemitérios	50,9
Ataques com bombas e invasões	50,4
Ser castigado pela mãe	48,7
Cortar-me ou ferir-me	47,1
Águas fundas ou mar	46,9
Ser criticado pelos meus pais	46,2
Tirar más notas na escola	44,9
Comete erros (fazer mal as coisas)	44,2
Participar em lugares ou brincadeiras violentas no recreio	44
Tempestades (chuvas com ventos) trovoadas	43,8
Espaços fechados	42,4
Lagartos, minhocas ou caracol	40,7
Apanhar injeções ou vacinas	40,4
Objectos que cortam	39,1
Lugares escuros	39,1
Pessoas com um ar estranho	38,7

Lagartos	38,2
Ser ferrado por uma abelha	38
Ser criticado pelos outros	37,1
Estar em sítios altos	36
Quartos escuros	35,6
Ficar doente na escola	33,8
Ratos ou ratazanas	33,6
Ter de comer coisas que não gosto	33,3
Parecer estúpido	32,4
Ter de ficar sozinho na escola no fim das aulas	32,2
Ir a cama as escuras	31,1
Ir ao dentista	30,1
Encontrar pessoas pela primeira vez	29,8
Ser gozado pelos outros	29,3
Aranhas	28,4
Ver sangue	28
Gatos	27,6
Morcegos ou pássaros	26
Cortar o cabelo	25,8
Estar sozinho	25,8
Enjoar quando ando de carro	25,6
Andar de avião	24
Filmes com policia e bandidos	24
Andar de comboio	22,4
Ter de ir ao hospital	21,8
Ficar em casa, sozinho	21,6
Elevadores	20,7
Ter de fazer alguma coisa em frente dos outros	19,3
Ter de andar com roupas diferentes dos outros	17,8
Sirenes que fazem muito barulho	17,3
Andar de automóvel ou de hiace	16,9
Formigas ou escaravelhos	16,2
Estar no meio de muita gente	15,8
Receber a ficha de avaliação do professor	15,8
Ir ao médico	15,1
Fazer um exame ou prova de avaliação	14,9
Montanha russa ou carrocel	14,2
Coisas novas	12,4
Ter de falar na Aula	11,3
Falar ao telefone	10,4
Ter de ir a escola	9,8
Ser chamado ao quadro pelo professor	8
Ser castigado na escola	

Neste estudo e como mostra a tabela acima o medo da morte dos pais aparece com a percentagem mais elevada com 90,4%, (o medo do pai morrer) e com 90,2% (o medo da mãe morrer), o terceiro medo que mais as crianças responderam ter com 82,4% é o de ser atropelado por um carro ou por um camião e que tem relação ou têm quase o mesmo

significado com o que se encontra em quarto lugar que é o medo da própria morte com 78,9% que praticamente o primeiro está subentendido no segundo.

Na sequência vem o medo de ser separado dos pais com 75,8%, que se segue com o de não conseguir respirar com 72,7% e neste também está subentendido o medo da própria morte, os que seguem estes são os medos de cair de lugares altos e de cobras serpentes ambos com 71,6% e que também estão relacionados com o medo da própria morte.

Em 7º lugar encontramos o medo de ser raptado com 71,6%, logo a seguir está o medo de fogo, queimar-se com 70,2%, o medo de coisas fantásticas e de micróbios ou apanhar uma doença também aparecem nas questões mais respondidas com 67,8% cada. E logo a seguir encontra-se o medo de tremores de terra com 67,6% apesar das crianças angolanas nunca terem vivido essa experiência. Neste trabalho de pesquisa encontramos o medo de apanhar choque eléctrico com uma percentagem alta de 67,1, o medo das explosões vem a seguir com 66,2%.

Com 65,3% está o medo de espingardas, pistolas neste está também subentendido o medo da morte e o de se ferir, a seguir a este está o medo de pessoas mortas com 64,2%. Um grande nº de crianças mostrou que tem medo de ver os pais a discutir um com outro numa percentagem de 61,8%.

O medo de cães com ar perigoso se encontra com 60,9% que considera-se uma percentagem muito alta tendo em conta que muitas crianças têm cão em casa.

As crianças mostraram também ter muito medo de o ladrão assaltar a nossa casa com 59,6% das respostas.

Outro medo em destaque é o de perder-se num lugar desconhecido com 58,2% das respostas, o medo de terroristas está logo a seguir com 55,8% das respostas.

Os pesadelos encontram-se também em alta com 54,9% das respostas.

As crianças mostraram também medo de serem adoptados com 52,9% das respostas.

Outro aspecto de destaque que as crianças mostraram ter muito é o medo de ursos e lobos que apesar de Angola não existirem ursos aparece com 52,4%.

Tirar má nota numa prova ou exame aparece em 26º lugar com 51,8%, o que mostra que um bom numero de crianças se preocupa com as suas notas.

As crianças mostraram também um medo grande de ser castigado pelo pai com 51% das

respostas, isso se explica pelo facto de em Angola os pais serem muitas vezes mais duros que as mães.

Com 50,9% das respostas, as crianças mostraram ter medos de andar metidos em lutas. Com a mesma percentagens aparece o medo de cemitérios.

O medo de ataques com bombas e evasões aparece com 50,4% das respostas.

A questão ser castigado pela mãe também aparece em alta com 48,7% apesar de o medo de ser castigado pelo pai superar este.

O medo de cortar-se ou ferir-se aparece no quadro acima com 47,1%.

A questão águas fundas ou mar aparece com 46,9% o que nos leva a crer que nesse está subentendido o medo de se afogar.

Um bom nº de crianças mostrou também o medo de ser criticado pelos pais com 46,2% das respostas.

A questão tirar más notas nas provas está também entre as que têm grande percentagem 44,9%.

Com 44,2% as crianças mostram também ter medo de cometer erros.

O medo de participar em lugares ou brincadeiras violentas no recreio aparece com 44%.

Embora em Benguela não haja tempestades e as trovoadas aparecem muito pouco e pouco intensas, 43,8% das crianças dizem ter medo de tempestades e trovoadas.

O medo de espaços fechados aparece com uma percentagem de 42,4.

40,7% das respostas das crianças mostram que um nº significativo delas tem medo de lagartos, minhocas ou caracol.

E ainda com um nº significativo de respostas está o medo de apanhar injeções ou vacinas com 40,4%.

3ª Questão: Existirão diferenças de idade, género e meio de habitação relativamente à intensidade dos medos.

Para testarmos a 3ª questão de investigação recorreremos a testes t para amostras independentes para as comparações de género e meio de residência e a análise da variância (ANOVA) para as comparações de faixas etárias. Apresentam-se de seguida os resultados obtidos.

Tabela 10. Comparação de géneros quanto a medos totais

Género	N	Média	t	df	p
Masculino	233	88,4338	- 7,171	433,302	0,000
Feminino	216	106,6384			

Quando comparamos o total de medos por género (Tabela 10), verificamos diferenças significativas entre rapazes e raparigas, $t(433)=-7,171$, $p=0,000$, sendo que as raparigas (média=106,64) apresentam mais medos do que os rapazes (média=88,43)

Tabela 11. Comparação de medos totais por área de residência

Residência	N	Média	t	df	p
Cidade	136	88,8141	- 4,205	436	0,000
Periferia	302	101,0848			

Quando comparamos (Tabela 11) o total de medos por área de residência (centro/periferia da cidade), constatamos diferenças significativas entre cidade e periferia, $t(436)=-4,205$, $p=0,000$, sendo que as crianças da periferia da cidade (média=106,08) apresentam mais medos do que as crianças do centro da cidade (média=88,81)

Tabela 12. Comparação dos medos totais por faixas etárias

Faixas etárias	N	Média	F	df	p
7-10	124	?	1,845	2	0,159
11-13	136	?			
14-17	187	?			

A comparação entre faixas etárias (Tabela 12), não mostra diferenças significativas entre as mesmas relativamente ao total de medos, $F(2) = 1,845$, $p=0,519$.

4ª Questão: Existirão diferenças entre crianças e adolescentes Angolanos e Portugueses quanto à prevalência de medos.

Para este efeito, apresentamos na tabela seguinte (Tabela 13) uma comparação dos medos mais frequentes na amostra portuguesa face à nossa amostra.

Tabela 13. Medos mais frequentes nas crianças da amostra Angolana e da amostra Portuguesa

Medos mais comuns Amostra Angola	% respostas muito (3)	Medos mais comuns amostra Portugal % respostas muito (3)
O meu pai morrer	90,4	81
A minha mãe morrer	90,2	84
Atropelado carro ou camião	82,4	63
Eu morrer	78,9	69
Ficar separado meus pais	75,8	61
Não conseguir respirar	72,7	53
Cobras, serpentes	71,6	
Cair de lugares altos	71,6	54
Ser raptado	71,6	58
Fogo, queimar-me	70,2	48
Fantasma/coisas fantásticas (cazumbi)	67,8	Pouco frequente
Micróbios apanhar doença grave	67,8	50
Tremores de terra	67,6	52
Apanhar choque eléctrico	67,1	46
Explosões	66,2	73
Espingardas, pistolas	65,3	Pouco frequente
Pessoas mortas	64,2	Pouco frequente
Ver os meus pais a discutir um com o outro	61,8	Pouco frequente
Cães com um ar perigoso	60,9	Pouco frequente
Ladrão assaltar a nossa casa	59,6	51
Perder-me num lugar desconhecido	58,2	44
Terroristas	55,8	Pouco frequente
Pesadelos	54,9	Pouco frequente
Ser adoptado	52,9	54
Ursos ou lobos	52,4	Pouco frequente
Tirar má nota numa prova ou exame	51,8	Pouco frequente
Ser castigado pelo meu pai	51,6	Pouco frequente
Andar metido em lutas	50,9	Pouco frequente
Cemitérios	50,9	Pouco frequente
Ataques bombas e invasões	50,4	60
Ser castigado pela mãe	48,7	Pouco frequente
Cortar-me ou ferir-me	47,1	Pouco frequente
Águas fundas ou mar	46,9	Pouco frequente
Ser criticado meus pais	46,2	Pouco frequente
Tirar más notas na escola	44,9	Pouco frequente
Cometer erros	44,2	Pouco frequente
Participar brincadeiras violentas no recreio	44	Pouco frequente
Tempestades/trovoadas	43,8	Pouco frequente
Espaços fechados	42,4	Pouco frequente

Lagartos, minhocas, caracol	40,7	Pouco frequente
Apanhar injeções/vacinas	40,4	Pouco frequente

Uma análise comparativa das frequências de respostas “muito medo” das amostras angolana e portuguesa, mostra a existência de um conjunto de medos comuns em ambas as amostras, relacionados com morte do pai ou mãe ou própria, separação dos pais, explosões...

Nota-se também uma maior frequência destes medos comuns na amostra angolana.

Por outro lado, a amostra angolana apresenta ainda um conjunto de outros medos frequentes que não aparecem sinalizados como frequentes para a amostra portuguesa.

Discussão e Conclusões

Nós conduzimos o estudo para verificar a prevalência de medos em crianças e adolescentes angolanas. O objectivo é de estudar a prevalência e o tipo de medos mais frequentes em crianças angolanas com idades compreendidas entre os 7 e os 17 anos.

Visto que até onde sabemos em Angola não existem estudos relacionados a este tema, esta primeira versão diferencia claramente rapazes e raparigas, crianças e adolescentes e crianças e adolescentes do centro da cidade e da periferia da cidade.

Durante a revisão bibliográfica constatou-se que os medos em crianças são normais e desaparecem a medida que elas vão se desenvolvendo. O medo é normal e saudável uma vez que nos torna cautelosos, nos protege de situações de perigos. Todos os medos que temos de alguma forma estão relacionados com o medo da morte. O medo pode afectar a qualidade de vida.

Os nossos resultados mostram que a intensidade média dos medos em crianças angolanas situa-se em 97,536 com um D.P de 1,784.

Vimos que a intensidade dos medos nas raparigas é superior a dos rapazes como nos mostra a tabela 6 dos resultados das médias e desvios padrão para amostra total, por género. E a média e desvio padrão das crianças que habitam na periferia é superior que a das crianças que habitam o centro da cidade como nos mostra a tabela 7. Quanto ao desvio padrão por faixas etárias...

Neste trabalho elaborou-se uma lista dos medos em ordem decrescente com maior prevalência ou seja itens que foram mais frequentemente referidos como provocando muito medo. Nesta lista o medo do pai morrer e o medo da mãe morrer encontram-se em primeiro lugar com 90,4% e 90,2% respectivamente o que coincide com os resultados obtidos na pesquisa portuguesa feita por Fonseca 1993 em que os mesmos medos se encontram com as percentagens mais altas com 81% e 84% respectivamente. Outros medos como ser atropelado por um camião, não conseguir respirar, cair de lugares altos, tremores de terra, micróbios ou apanhar uma doença grave que ocupam os primeiros lugares nos medos das crianças e adolescentes angolanos também se encontram nos primeiros lugares das respostas das crianças e adolescentes portuguesas no estudo feito por Fonseca 1993.

Os resultados dessa investigação mostraram que existem diferenças significativas nos medos dos rapazes e das raparigas, com estas a mostrarem mais intensidade de medos; mostraram ainda que existem diferenças significativas na intensidade de medos de crianças do meio rural e do meio urbano, apresentando as de meio rural valores superiores e que não existem diferenças significativas entre faixas etárias

Os dados aqui apresentados permitem várias conclusões ainda que preliminares.

É de realçar, que as médias obtidas na população angolana são ligeiramente mais elevadas em relação as obtidas na versão portuguesa de Fonseca 1993. Mas os medos mais comuns e intensos nas crianças e adolescentes angolanas são praticamente os mesmos que nas crianças portuguesas

Uma possível explicação é o facto de Angola ter vivido um longo período de guerra, por ter uma média de nível académico muito inferior ao de Portugal, o que significa que a maioria das crianças do país vivem em famílias que têm um nível de escolaridade baixo, isso explica o número elevado de medos de fantasmas ou coisas fantásticas (cazumbi) por muitas famílias serem supersticiosas. Outra explicação é o nível de desenvolvimento e as condições de vida duma grande parte da população de Angola e os cortes constantes de luz eléctrica.

Bibliografia

- Albano, A.M., Chorpita, B.F., & Barlow, D. H. (1996). *Childhood anxiety disorders*. In E. J. Mash and R. A. Barkley, *Child Psychopathology*. New York: The Guilford Press.
- Baptista, A. (2000). *Perturbação do medo e da ansiedade: Uma perspectivava evolutiva e desenvolvimental*. In: A. Soares(coord.), *Psicopatologia do desenvolvimento: Trajectórias (In)Adaptativas ao longo da vida*. Coimbra: Quarteto Editora.
- Baptista A., Carvalho M. e Lory F. em: o medo, ansiedade e suas perturbações. (Falta o resto da citação)
- Bischof N. (1975). A systems approach toward the functional connections of attachment and fear. *Child Development*, 46, 801-817.
- Brown, J., & Davies, J. (1995). *Enfrentando o Bicho Papão*. Summus Editorial
- Burnham, J. J., & Gullone, E.(1997). The Fear Survey Schedule for Children- II: a psychometric investigation with American data. *Behaviour Research and Therapy*, 35(2), 165-173.
- Cox, B.J., & Toylar, S. (1999) *Anxiety disorders: Panic and Phobias*. In : T. Millon, P. H. Blaney & R. D. Davis, *Oxford Textbook of psychopathology*. Oxford: Oxford university press.
- Elbedour, S., Shulman, S., & Kedem, P.(1997) Childrens Fears: cultural and developmental perspectives. In *Behaviour Research and Therapy*, 35(6, 491-496.
- Fonseca, A. C. (1993). Medos em crianças e adolescentes. *Revista portuguesa de Pedagogia* XXVII nº 1 75-92.
- Gullone, E. (2000). The development of normal fear: a century of research. *Clinical Psychology Review*, 20 (4), 429-451.

- Kovács, M. J. (2002). *Morte e desenvolvimento humano*. Casa do psicólogo
Livraria e Editora Lmta.
- Lipp, M. E. N. (org.) (2004) *Crianças estressadas: Causas, Sintomas e soluções* 4ª
Edição Papirus Martins, R. (2008). *Psicologia infantil, saúde infantil*.
Disponível em: [http://:Educacaodeinfancia.com](http://Educacaodeinfancia.com); acessado em 2011
- Morks, F.M. (1987). *Fears, phobias and Rituals: Panic, Anxiety and Their Disorders*.
Oxford: Oxford University Press.
- Morris, R.J. & Kratochwill, Th., R. (1983). *Treating children's fears and phobias*. New
York: Pergamon Press.
- Muino, Luís (2007) Editora Gente liv e edit Ltd
- Odziozola, E. E. (2001). *Perturbações da ansiedade na infância*. Amadora: Editora Mc
Graw- Hill.
- Ollendick, T. H. (1983). Reliability and validity of the revised fear survey Schedule for
Children (FSSC R). *Behaviour Research and Therapy*. 21. 685-692.
- Oliveira, P.R.(2004) *Filosofia para a formação da criança*. Thomson editora
- Queiroz, T. D. (2010). *Educar uma lição de amor*. Editora Gente
- Rachmans. (1977). The Conditioning theory of fear acquisition: A critical examination.
Behaviour Research Therapy. 15, 375-387.
- Roazzi, A., Federicci, Fabiana C. B. e Wilson, M. (2001). A Estrutura Primitiva da
Representação Social do Medo. *Psicologia. Reflexão. Critica*. vol.14 no.1 Porto
Alegre 2001
- Rodriguez, J. O. (2001). *A criança com medo de falar*. Amadora: Editora Mc Graw-
Hill.

Sampaio, F. M., Martins, A. M. & Oliveira, T. C. (2007). *Medos Normais de crianças em contexto hospitalar segundo o Fear Survey Schedule for Children-Revised, FSSC-R*. Edições Universidade Fernando Pessoa.

Singh, K. A., Moraes, A. B., & Bovi Ambrosano, G. M. (2000). Medo, ansiedade e controle relacionados ao tratamento odontológico. *Pesq Odont Bras*, v. 14, n. 2, p. 131-136, abr./jun. 2000.

Sposito, F. V. (2011). *As dimensões do medo*. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XIV, IX, 2009. Anais. Curitiba: Centro Reichiano, 2009. CD-ROM. [ISBN – 978-85-87691-16-3]. Disponível em: www.centroreichiano.com.br/artigos. Acesso em: 2011.

Valiente, R. M., Sandin, B., Chorot, P., & Tabar, A. (2003). Diferencias según la edad en la prévalecia y intensidad de los miedos durante la infância y la adolescencia: datos baseados en el FSSC-R. *Psicothema*, 15 (3), 414-419.

Westenberg, P. M., Drewes, M. J., Goedhart, A. W., Siebelink, B. M., & Treffers, P. D. (2004). A Developmental analysis of self-reported fears in late child hood through mid-adolescence: social-evaluative fears on the rise? *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 45(3), 481-495.

Wikipédia, disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Adolesc%C3%Aancia>.

Acessado em: 2011

Anexos

QAAMC-R

“Questionário de Auto-Avaliação de Medos em Crianças – Revisto”

(versão angolana, adaptada por caldas, J. C., a partir da versão portuguesa de Fonseca, A., 1993, adaptação da versão original da FSSC-R de Ollendrick, T. H., 1983)

Nome - _____

Sexo - _____

Data de nascimento - ____ / ____ / ____

Ano de escolaridade - Data de hoje - ____ / ____ / ____

Vais ver algumas frases que rapazes e raparigas usam para descrever os seus medos. Lê cada frase com atenção e para cada frase põe uma X na palavra à sua frente (NENHUM, ALGUM, MUITO) que descreve melhor a quantidade de medos que tu tens. Não há respostas certas ou erradas. Não te esqueças de pôr uma X e só uma em cada uma das frases.

- | | | | |
|---|---------------|--------------|--------------|
| 1. Ter de falar na Aula | NENHUM | ALGUM | MUITO |
| 2. Andar de automóvel ou de hiace | NENHUM | ALGUM | MUITO |
| 3. Ser castigado pela mãe | NENHUM | ALGUM | MUITO |
| 4. Lagartos | NENHUM | ALGUM | MUITO |
| 5. Parecer estúpido | NENHUM | ALGUM | MUITO |
| 6. Fantasma ou coisas fantásticas (cazumbi) | NENHUM | ALGUM | MUITO |
| 7. Objectos que cortam | NENHUM | ALGUM | MUITO |
| 8. Ter de ir ao Hospital | NENHUM | ALGUM | MUITO |
| 9. Pessoas mortas | NENHUM | ALGUM | MUITO |
| 10. Perder-me num lugar desconhecido | NENHUM | ALGUM | MUITO |
| 11. Cobras, serpentes | NENHUM | ALGUM | MUITO |
| 12. Falar ao telefone | NENHUM | ALGUM | MUITO |
| 13. Montanha russa ou carrossel | NENHUM | ALGUM | MUITO |
| 14. Ficar doente na escola | NENHUM | ALGUM | MUITO |
| 15. Ser castigado na escola | NENHUM | ALGUM | MUITO |

16. Andar de comboio	NENHUM	ALGUM	MUITO
17. Ficar em casa, sozinho	NENHUM	ALGUM	MUITO
18. Ursos ou lobos	NENHUM	ALGUM	MUITO
19. Encontrar pessoas pela primeira vez	NENHUM	ALGUM	MUITO
20. Ataques com bombas e invasões	NENHUM	ALGUM	MUITO
21. Apanhar injeções ou vacinas	NENHUM	ALGUM	MUITO
22. Ir ao dentista	NENHUM	ALGUM	MUITO
23. Estar em sítios altos	NENHUM	ALGUM	MUITO
24. Ser gozado pelos outros	NENHUM	ALGUM	MUITO
25. Aranhas	NENHUM	ALGUM	MUITO
26. Um ladrão assaltar a nossa casa	NENHUM	ALGUM	MUITO
27. Andar de avião	NENHUM	ALGUM	MUITO
28. Ser chamado ao quadro pelo Professor	NENHUM	ALGUM	MUITO
29. Tirar más notas na Escola	NENHUM	ALGUM	MUITO
30. Morcegos ou pássaros	NENHUM	ALGUM	MUITO
31. Ser criticado pelos meus pais	NENHUM	ALGUM	MUITO
32. Espingardas, pistolas	NENHUM	ALGUM	MUITO
33. Andar metido em lutas	NENHUM	ALGUM	MUITO
34. Fogo, queimar-me	NENHUM	ALGUM	MUITO
35. Cortar-me ou ferir-me	NENHUM	ALGUM	MUITO
36. Estar no meio de muita gente	NENHUM	ALGUM	MUITO
37. Tempestades (chuvas com ventos) trovoadas	NENHUM	ALGUM	MUITO
38. Ter de comer coisas que não gosto	NENHUM	ALGUM	MUITO
39. Gatos	NENHUM	ALGUM	MUITO
40. Tirar má nota numa prova ou exame	NENHUM	ALGUM	MUITO
41. Ser atropelado por um carro ou caminhão	NENHUM	ALGUM	MUITO
42. Ter de ir a escola	NENHUM	ALGUM	MUITO
43. Participar em lugares ou brincadeiras violentas no recreio	NENHUM	ALGUM	MUITO
44. Ver os meus pais a discutir um com o outro	NENHUM	ALGUM	MUITO
45. Quartos escuros	NENHUM	ALGUM	MUITO
46. Ter de fazer alguma coisa em frente dos outros	NENHUM	ALGUM	MUITO
47. Formigas ou escaravelhos	NENHUM	ALGUM	MUITO
48. Ser criticado pelos outros	NENHUM	ALGUM	MUITO
49. Pessoas com um ar estranho	NENHUM	ALGUM	MUITO

50. Ver sangue	NENHUM	ALGUM	MUITO
51. Ir ao médico	NENHUM	ALGUM	MUITO
52. Cães com um ar perigoso	NENHUM	ALGUM	MUITO
53. Cemitérios	NENHUM	ALGUM	MUITO
54. Receber a ficha de avaliação do professor	NENHUM	ALGUM	MUITO
55. Cortar o cabelo	NENHUM	ALGUM	MUITO
56. Águas fundas ou mar	NENHUM	ALGUM	MUITO
57. Pesadelos	NENHUM	ALGUM	MUITO
58. Cair de lugares altos	NENHUM	ALGUM	MUITO
59. Apanhar um choque eléctrico	NENHUM	ALGUM	MUITO
60. Ir a cama as escuras	NENHUM	ALGUM	MUITO
61. Enjoar quando ando de carro	NENHUM	ALGUM	MUITO
62. Estar sozinho	NENHUM	ALGUM	MUITO
63. Ter de andar com roupas diferentes dos outros	NENHUM	ALGUM	MUITO
64. Ser castigado pelo meu pai	NENHUM	ALGUM	MUITO
65. Ter de ficar sozinho na escola no fim das aulas	NENHUM	ALGUM	MUITO
66. Comete erros (fazer mal as coisas)	NENHUM	ALGUM	MUITO
67. Filmes com policia e bandidos	NENHUM	ALGUM	MUITO
68. Sirenes que fazem muito barulho	NENHUM	ALGUM	MUITO
69. Coisas novas	NENHUM	ALGUM	MUITO
70. Micróbios ou apanhar uma doença grave	NENHUM	ALGUM	MUITO
71. Espaços fechados	NENHUM	ALGUM	MUITO
72. Tremores de terra	NENHUM	ALGUM	MUITO
73. Terroristas	NENHUM	ALGUM	MUITO
74. Elevadores	NENHUM	ALGUM	MUITO
75. Lugares escuros	NENHUM	ALGUM	MUITO
76. Não conseguir respirar	NENHUM	ALGUM	MUITO
77. Ser ferrado por uma abelha	NENHUM	ALGUM	MUITO
78. Lagartos, minhocas ou caracol	NENHUM	ALGUM	MUITO
79. Ratos ou ratazanas	NENHUM	ALGUM	MUITO
80. Fazer um exame ou prova de avaliação	NENHUM	ALGUM	MUITO
81. Ser raptado	NENHUM	ALGUM	MUITO
82. Explosões	NENHUM	ALGUM	MUITO
83. A minha mãe morrer	NENHUM	ALGUM	MUITO

84. Eu morrer	NENHUM	ALGUM	MUITO
85. Ficar separado dos meus pais	NENHUM	ALGUM	MUITO
86. Ser adoptado	NENHUM	ALGUM	MUITO
87. O meu pai morrer	NENHUM	ALGUM	MUITO

Escrever por favor outros medos que tu tenhas e que não estejam na lista que marcaste:

- _____	- _____	- _____
- _____	- _____	- _____
- _____	- _____	- _____
- _____	- _____	- _____

Anexos